

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

ANA MARGARETH STEINMÜLLER PIMENTEL

PSICANÁLISE E RELIGIÃO: UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA

Campina Grande, Paraíba

2015

Ana Margareth Steinmüller Pimentel

PSICANÁLISE E RELIGIÃO: UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Psicologia.

Orientador: Tiago Iwasawa Neves

Campina Grande, Paraíba

2015

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial “Tereza Brasileiro Silva”-
UFCCG**

P644p

Pimentel, Ana Margareth Steinmüller.

Psicanálise e religião: uma análise epistemológica/ Ana Margareth Steinmüller Pimentel. – 2015.

16 f.

Artigo (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

Referências.

Orientador: Prof. Tiago Iwasawa Neves, Ms.

1. Psicanálise. 2. Religião. 3. Epistemologia. I. Neves, Tiago Iwasawa.
II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCCG

CDU 159.964.2:2

Psicanálise e Religião: uma análise epistemológica

Resumo: Sabemos que Freud produziu importantes teses a respeito da relação sujeito-sociedade, incluindo a religião. Lacan, principal sucessor da teoria freudiana, deu continuidade à esta discussão defendendo a participação do fenômeno religioso na constituição psíquica do sujeito. O objetivo do artigo é pensar a relação da psicanálise com a religião, fazendo uma leitura de Freud a Lacan. Pretendemos ainda discutir, do ponto de vista epistemológico, como fica essa relação na contemporaneidade. Para Freud, a religião é uma ilusão. Para Lacan, uma verdade que triunfará. Apesar dos variados pontos de vista sobre o lugar da religião para a psicanálise, ambas têm algo em comum: operam com o ‘resto’ deixado de lado pelo saber científico. A ciência preocupa-se apenas com o objetivável, enquanto psicanálise e religião lidam com a verdade. Porém, o encaminhamento que a psicanálise e a religião darão a verdade não é o mesmo: a psicanálise opera com a verdade enquanto causa, já a religião objetiva a todo custo o tamponamento desta hiância.

Palavras-Chave: Psicanálise. Religião. Epistemologia.

Psychoanalysis and Religion: an epistemological analysis

Abstract: It is known that Freud produced important theses on the subject-society relationship. Lacan, the main successor to the Freudian theory, continued to this discussion advocating the participation of the religious phenomenon in the psychic constitution of the subject. The objective of this article is to think the relationship between psychoanalysis and religion by making a reading both Freud and Lacan. We intend to discuss, from the epistemological point of view, how this relationship is nowadays. For Freud, religion is an illusion. For Lacan, it is a truth which will triumph. Despite their different views on religion's role to psychoanalysis, both have something in common: they operate with the 'rest' overlooked by scientific knowledge. Science is concerned only with the objectifiable, while psychoanalysis and religion deal with the truth. However, the path that psychoanalysis and religion will tread with the truth is not the same: psychoanalysis operates with the truth as cause, religion at all costs tries to block this opening.

Keywords: Psychoanalysis. Religion. Epistemology.

Psicanálise e Religião: uma análise epistemológica

1 – Introdução

Os estudiosos da obra de Freud sabem que o pai da psicanálise não se preocupou em discorrer apenas sobre o aparelho psíquico, estruturas psicológicas, casos clínicos. Boa parte dos textos de Freud tratam de questões sociológicas, ampliando sua discussão para além de fenômenos puramente psicanalíticos. No presente artigo iremos nos fiar em seus principais textos considerados “ sociológicos” , focando a discussão no tema da religião. Para Freud, os fenômenos psicológicos e sociais estão relacionados, e o fenômeno religioso é um bom exemplo para tratar dos efeitos de um fenômeno cultural na esfera psíquica e vice-versa, considerando que a religião tem grande impacto psicológico e social, discussão que será esclarecida no decorrer do artigo.

O objetivo do presente trabalho é pensar a relação da psicanálise com a religião fazendo uma leitura de Freud a Lacan. Em um segundo momento, pretendemos discutir as consequências do texto lacaniano “ A ciência e a verdade” (1965/1998) para pensarmos, do ponto de vista epistemológico, como fica essa relação na contemporaneidade. Traremos, na discussão centrada em Freud, suas principais teses a respeito da relação sujeito-sociedade, fazendo a articulação com suas considerações a respeito do lugar da religião na cultura. Em Lacan, discutiremos um texto capital sobre a religião (O triunfo da religião), traçando um paralelo entre sua teoria e as teses de Freud, fazendo, por fim, uma reflexão a respeito do lugar da religião e da psicanálise nos tempos atuais. Este lugar não é outro senão a modernidade. Para pensarmos este lugar, articularemos as consequências do advento da ciência moderna a partir da epistemologia de Alexandre e Koyré e Gaston Bachelard.

2 – Psicanálise e Religião: a leitura freudiana

As primeiras considerações a respeito da religião que podemos encontrar na obra freudiana estão no texto “ Atos Obsessivos e Práticas Religiosas” (1907/1969), onde Freud irá fazer uma comparação descritiva entre atos obsessivos e cerimoniais coletivos, não se trata ainda de uma análise sobre o tema da religião. Philippe Julien, em “ A psicanálise e o religioso – Freud, Jung e Lacan” (1926) menciona a comparação feita por Freud:

“ Em ambos os casos, há compulsão a repetir certos atos, por preocupação com a ordem, a meticulosidade, a pontualidade e a perfeição, e tudo isso para evitar a angústia. Tem-se, assim, renúncia às pulsões: às pulsões sexuais na neurose, às pulsões egoístas na religião. Mas isso é só analogia, da qual Freud conclui que na neurose há uma religiosidade individual e, na religião, uma neurose obsessiva coletiva [...]. (p. 13)

Para entendermos melhor a tese freudiana a respeito da relação entre sujeito-sociedade-religião, analisemos seus escritos que tratam da relação do sujeito com os grupos. Em “Psicologia de Grupo e a Análise do Ego” (1921/1969), Freud irá se deter sobre os fenômenos sociais e as relações do sujeito com os outros. Ao sermos inseridos na civilização, mantemos relações com família, médico, objetos de amor, etc. Sendo assim, Freud considera a psicologia individual também enquanto uma psicologia social. A psicologia de grupo irá se interessar pelo indivíduo não isolado, pelo indivíduo enquanto membro de uma nação, raça, instituição, membro de grupos organizados por uma causa determinada, com objetivos definidos.

Os grupos psicológicos possuem uma peculiaridade, segundo Le Bon citado no texto freudiano, referente a uma espécie de mente grupal constituída de seres heterogêneos. Tal mente grupal faz com que os membros pensem, sintam e ajam de maneira diferente quando em estado de isolamento. O grupo psicológico seria como uma unidade temporária de subjetividade. As características particulares dos indivíduos no grupo se apagam, a heterogeneidade dá espaço à homogeneidade. Os interesses pessoais dão lugar aos interesses do grupo comuns a todos os membros. Por outro lado, ao fazer parte de um grupo, o membro passa a ter características que não possuía anteriormente. Três fatores são explicativos para essa tese: o indivíduo, enquanto parte de um todo, não sente tanta necessidade de controlar seus impulsos, visto que em um grupo anônimo a responsabilidade é dividida. O grupo possui força na medida em que é uma soma de impulsos, voltada para um determinado objetivo. O segundo fator seria o contágio de sentimentos, pensamentos e ações, considerado de ordem hipnótica. Dentro de um grupo os sentimentos são contagiosos, ao ponto de um indivíduo sacrificar interesses pessoais em nome do interesse grupal. Um terceiro fator seria a realização de atos dentro de um grupo que seriam totalmente contrários aos ideais individuais, consequência da perda total da consciência individual diante da sugestibilidade do ideal coletivo. Há também a comparação entre a mente grupal e a mente dos povos primitivos, na medida em que pensamentos contraditórios podem existir lado a lado sem conflito de interpretação do ponto de vista lógico, assim como ocorre com os pensamentos inconscientes dos neuróticos e as fantasias infantis, por exemplo, que detêm a ambivalência como característica. Os grupos são quase tão influenciados pelo que é verdadeiro e pelo que não é, há a tendência da não distinção.

Freud cita McDougall para elencar cinco fatores que são condição para organização dos grupos em nível elevado. A primeira diz respeito à continuidade da existência do grupo. É

preciso que membros e cargos se mantenham por determinado tempo. A segunda seria que em cada membro se fixe ideias da natureza, função, composição e capacidades do grupo, para que assim possa ser desenvolvida uma relação emocional do indivíduo com o grupo como um todo. A terceira seria a interação do grupo com outros semelhantes (talvez uma relação de rivalidade), mantendo as distinções de papéis claramente nessa relação. A quarta seria o cultivo de tradições, costumes, comportamentos que determinem as relações dos membros uns com os outros. A quinta seria que o grupo deve ter estrutura definida, com relação à especificidade e diferenciação das funções dos membros.

Os fenômenos sociais, segundo Le Bon, são determinados por dois fatores: a sugestão mútua dos indivíduos e o prestígio dos líderes. Ou seja, há a sustentação de um líder que comanda a massa (líder prestigiado a partir da sugestão dele para com os demais e dos membros entre si), tendo a sugestão (influência, mestria) enquanto fundamental nas relações grupais. Os laços emocionais, criados e cultivados a partir da característica de sugestionabilidade do grupo, também fazem parte da essência da mente grupal.

Podemos perceber que existem diversas maneiras de se constituir um grupo. Existem grupos homogêneos, duradouros, temporários, grupos naturais, artificiais, dentre outras formas de classificação. A ênfase aqui será dada à distinção existente entre grupos sem líderes e grupos com líderes, tomando como base grupos organizados, permanentes e artificiais, como as Igrejas e os Exércitos. São eles grupos artificiais, devido ao fato de que existe uma força externa que mantém a coesão e a estrutura. Há a punição do membro que venha a desagregar-se, não existe livre arbítrio e o líder possui função de autoridade suprema. O líder supostamente vê os membros do grupo como iguais, existe para cada membro igual amor. Apesar de serem líderes distintos, exercem a mesma função simbólica em cada grupo.

A relação entre membros de um grupo e o líder é uma relação de identificação, laço considerado pela psicanálise como a expressão de laço emocional com o outro mais remota da humanidade. Para compreendermos mais exatamente o que é esse processo de identificação é necessário que nos reportemos aos primórdios da estruturação psíquica. A teoria do complexo de Édipo ilustra como se dá esse processo de identificação. Freud explica esse processo da seguinte maneira: a criança tem a mãe como primeiro objeto de satisfação pulsional, até a incidência do pai a partir da ameaça de castração, numa disputa pelo amor da mãe. Assim, a figura do pai é representada como figura do corte, da castração, e por consequência da Lei. Posteriormente, o sujeito identifica-se ao pai ao vê-lo enquanto modelo, ao tentar ser como ele para conquistar o amor da mãe (sentimento ambivalente de admiração e concorrência). Com esse exemplo, temos a identificação enquanto sentimento ao mesmo tempo de amor e ódio ao

objeto de superioridade. A distinção entre a prevalência do sentimento de amor ou ódio será dada a partir do momento em que o líder tomar lugar do objeto que gostaríamos de ter ou o objeto de gostaríamos de ser.

Assim, a religião tem sua base de sustentação muito próxima daquilo que Freud nomeou de Supereu, ou seja, a instância da Lei formulada em “ O Eu e o Id” (1923/1969). É importante lembrar que a identificação ao Pai como etapa lógica de dissolução do Complexo de Édipo deixa um herdeiro: o Supereu. Para que seja efetivada a inscrição da Lei, é preciso haver o reconhecimento da figura paterna. Freud afirma em “ Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância” (1910/1969) que:

“ A psicanálise tornou conhecida a íntima conexão existente entre o complexo do pai e a crença em Deus. Fez-nos ver que um Deus pessoal nada mais é, psicologicamente, do que uma exaltação do pai, e diariamente podemos observar jovens que abandonam suas crenças religiosas logo que a autoridade paterna se desmorona. Verificamos, assim, que as raízes da necessidade de religião se encontram no complexo parental. O Deus todo-poderoso e justo e a Natureza bondosa aparecem-nos como magnas sublimações do pai e da mãe, ou melhor, como reminiscência e restaurações das idéias infantis sobre os mesmos.” (p. 73)

Assim, a religião funciona como uma instância de lei, ao notarmos sua equivalência com a função paterna, considerando que a crença seria uma sublimação da figura parental.

Por outra via, outro importante escrito de Freud intitulado “ O Mal Estar na Civilização” (1929/1969) também trará importantes considerações a respeito da relação do sujeito com o meio social. A ideia inicial do texto é de que existe um antagonismo irremediável entre as exigências da pulsão e as restrições impostas pela civilização. Sendo assim, ao sermos inseridos nos grupos sociais, somos barrados em relação as nossas satisfações mais íntimas para preservarmos a convivência “ pacífica” com os demais indivíduos. Freud diz que “ A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar as medidas paliativas.” (p. 93). Ele afirma que podemos considerar três tipos de medidas compensatórias para o sofrimento: derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz de nossa desgraça (tais como as promessas religiosas de recompensa pelos sacrifícios); satisfações substitutivas, que a diminuem (como as sublimações, a exemplo da arte); e substâncias tóxicas, que nos torna insensíveis ao sofrimento. As satisfações substitutivas não oferecem a equalização justa para tais renúncias, porém cumprem com

suposta eficácia seu papel psíquico, isto é, como uma fantasia que nos suporta na realidade e que evita, ao mesmo tempo, a todo custo o encontro com o Real. Ora, como não interpretar os ideais humanos, como a felicidade e a vida eterna por exemplo, enquanto produtos de um laço civilizatório que objetiva somente equilibrar a errância de nosso existir?

Ainda neste texto, Freud diz que o sofrimento provém de três fontes: o poder da natureza, a fragilidade dos nossos corpos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos humanos. Não há ainda controle total para as duas primeiras causas, mas por sermos responsáveis pelo processo de socialização, é possível a interferência na terceira causa. É aí que entra a religião, como uma tentativa de propor um destino a angústia do homem.

Porém, deixemos esta última questão do parágrafo anterior por ora em suspenso. Resta-nos ainda, discutir o principal texto freudiano que trata da religião. Freud afirma que em geral as pessoas experimentam o presente de forma ingênua, se baseando em expectativas subjetivas. A forma mais sensata de avaliar o presente seria ao colocar-se em certa distância dele, ou seja, o presente deverá se tornar passado para se produzirem observações para o futuro. É com essa ideia que ele começa seu texto “O Futuro de uma Ilusão” (1927/1969).

A civilização humana – organização que superou a condição animal pautada em instintos – adquiriu a capacidade de manipular de certa forma as forças da natureza e extrair riquezas da mesma para satisfação de suas necessidades, assim como desenvolveu regulamentos para organização das relações entre os homens e distribuição das riquezas adquiridas. É preciso que tais capacidades caminhem em conjunto, visto que originalmente os indivíduos são contrários à civilização no que diz respeito ao seu gozo singular. Não seria possível a distribuição de riquezas sem a renúncia às pulsões, ao menos que parcialmente. É imprescindível, então, a compensação das renúncias pulsionais por uma organização que garanta a sobrevivência humana numa civilização. O controle civilizatório conta com a gerência de líderes, que tenham uma compreensão superior das necessidades da vida, sendo capaz de controlar seus desejos. Retomando a “Psicologia de Grupo e a Análise do Ego” (1921/1969), Freud traz a figura do líder enquanto referência ao senso de obediência presente num grupo de indivíduos reunidos por uma causa. O líder, para comandar uma massa, deve ser tomado por intensa crença em um ideal, a fim de despertar a mesma força de credulidade no coletivo. Por outro lado, os líderes, não diferente de outros sujeitos no que diz respeito à organização subjetiva, não são capazes de controlar a totalidade da civilização. É preciso que tenha sua crença firmada e respeito conquistado diante do grupo.

A religião está entre as exigências da civilização diante das ameaças da natureza. Observamos três justificativas para a crença que nos é imposta com relação à religião: primeiro, porque os ensinamentos são passados por nossos antepassados, segundo por serem originados dos tempos mais primitivos das civilizações e terceiro por ser proibido levantar questionamentos no que diz respeito à autenticidade das doutrinas. O terceiro ponto é o mais intrigante, que nos faz refletir sobre a consistência das ideias religiosas. Talvez nossos antepassados tivessem as mesmas dúvidas sobre a consistência das religiões do que nós, porém a moral civilizatória em tempos idos impunha uma repressão muito maior que a atual.

Nos deparamos com a prova da falha do processo civilizatório na medida em que percebermos que nenhuma sociedade está livre dos obstáculos à sua realização causados pelas pulsões proibidas. A Lei existe porque há o desejo de transgredi-la. O sujeito é frustrado pela não satisfação das pulsões, advinda da proibição, e se vê privado diante dessa condição. A civilização só pode ser defendida na medida em que o homem se reconcilia com ela na recompensa por seus sacrifícios. Mas, isso pode vir a acontecer? Freud não crê nisso. Mesmo com as renúncias, é insensata a ideia de abolição da civilização, visto que seria muito menos suportável sustentar um estado de natureza do ser humano. A principal função da civilização é a de nos defender contra a destruição fria, cruel e incansável ocasionada pelas forças incontroláveis do Real da natureza, ou seja, de nossa condição fundamental.

Podemos concluir que a perspectiva freudiana da religião é de que por ser uma crença fundamentada em uma ilusão, no futuro ela irá dar lugar ao saber da ciência. Encontramos essa ideia no artigo de Claudia Moreira “ O triunfo de uma ilusão” (2014), onde ela diz:

“ Abandonar a religião seria então algo inerente ao processo de crescimento dos homens. É por essa razão que Freud, um tanto entusiasta quanto ao progresso da ciência, afirma que no futuro a religião cederá terreno à racionalidade científica. Os homens encontrariam na ciência recursos supostamente capazes de reconciliá-los com a cultura e de recompensá-los pela parcela de sacrifícios pulsionais exigidos pela vida civilizada, sem, no entanto, exigir a adoção e uma ética calcada na existência de uma ordem extramundana.” (p. 26)

Julien (1926) traz que “ [...] Freud reconhece no ser humano o que ele denomina ‘ religiosidade’ . Ela provém, primeiro, de uma incapacidade física de ajudar a si próprio e, portanto, de uma necessidade de ajuda.” (p. 15). Assim, a religião seria uma ilusão a partir do momento em que a ciência ganhasse seu espaço na modernidade, trazendo as soluções para as angústias do ser humano.

3 – Psicanálise e Religião: a leitura lacaniana

Ao ser questionado em um de seus seminários sobre o triunfo da religião sobre a psicanálise, Lacan afirma em “ O triunfo da religião – precedido de discurso aos católicos” (1901/1981) que “ Se a psicanálise não triunfar sobre a religião, é porque a religião é inquebrantável. A psicanálise não triunfará: sobreviverá ou não.” (p.65). O autor afirma que a religião sim triunfará, que é impossível ter ideia de seu poder. A ciência não dará conta do real, sobrando espaço para a religião apaziguar as angústias. A ciência, que poderia ser tomada como a ferramenta para responder às questões da vida, é tida por Lacan como angustiante para a sociedade:

“ Há uma coisa de que Freud não falou, porque era tabu para ele, a saber, a posição do cientista. É igualmente uma posição impossível, só que a ciência não faz ainda a menor ideia disso, e esta é sua oportunidade. Somente agora os cientistas começam a ter crises de angústia.” (p.61)

Lacan sustenta que seja impossível um mundo sem religião e psicanálise, já que este mundo é um mundo habitado pela Ciência. E, até agora, o desenvolvimento científico tem se mostrado incompetente para definir o sintoma dos homens com objetividade experimental. Eis a brecha dada à psicanálise e à religião.

Lacan exemplifica a angústia contida na consciência do poder que os cientistas têm de curar vidas, bem como de criar organismos devastadores, como poderosas bactérias de laboratório. Trata-se de uma crise de responsabilidade que vêm preocupando desde as últimas décadas com os avanços da ciência. A ciência acrescenta muitas coisas novas e perturbadoras, enquanto a religião é capaz de atribuir sentido a qualquer coisa. Lacan traz a psicanálise enquanto um sintoma desse esforço incessante de se eliminar a angústia, como parte do mal-estar da civilização trazido por Freud. Vejamos a seguir mais algumas considerações de Lacan, fazendo uma leitura epistemológica da religião na contemporaneidade.

4 – A ciência e a verdade: psicanálise e religião na contemporaneidade

Vejamos agora como Religião e Psicanálise podem se aproximar e se mostrarem radicalmente opostas, tomando como base a questão colocada por Lacan em “ A ciência e a verdade” (1965/1998). Mas, afinal, do que trata a ciência e o que a faz ser distinta da psicanálise e da religião? Segundo Jacques Lacan a psicanálise só fará sentido em um mundo em que a ciência é possível uma vez que o campo de problemas da psicanálise só pode se

constituir em função daquilo que a ciência deixa como resto: a verdade, a própria ética. É este o sentido da definição da psicanálise enquanto uma clínica ética. É daí que se extrai o aforismo: “ a psicanálise opera sobre o sujeito da ciência.” (LACAN, 1965/1998, p. 873). A ciência e a psicanálise só se tornam possíveis em função de um mesmo momento lógico (modernidade), e são síncronas e se orientam por uma mesma lógica de pensamento, apesar de não estarem situadas em um mesmo campo de problema (ciência/saber, psicanálise/verdade).

A ciência moderna data do século XVI, tendo como marco a revolução do pensamento protagonizada por Galileu. No mundo antigo, anterior à ciência, havia a crença na ideia de um Cosmo, o universo era finito, dotado de qualidades e hierarquizado. A noção de uma natureza cósmica com referência em Deus foi destruída com o advento da matematização e geometrização da física.

Com o advento da ciência moderna ocorre, como nos aponta Koyrè (1991), o desaparecimento de todas as considerações baseadas no valor, na perfeição, na harmonia, na significação e no desígnio. A física matematizada passa a se preocupar com o mundo objetivável, em, por exemplo, explicar com teoremas e cálculos como um objeto cai ao chão. Esse exemplo era antes explicado a partir da ideia de uma harmonia divina, na qual os objetos tinham seu lugar determinado no universo. Surge então uma disjunção de campos epistemológicos, pois não mais a natureza cosmológica respondia às questões de orientação do homem. Koyré nos traz, então, a seguinte afirmativa:

“ Um amontoado de riquezas e um amontoado de escombros: tal é o resultado desta atividade [científica] fecunda e confusa, que tudo demoliu e nada soube construir, ou pelo menos, acabar. Por isso, privado das suas normas tradicionais do juízo e de escolha, o homem sente-se perdido num mundo que se tornou incerto. Mundo onde nada é seguro. E onde tudo é possível. Ora, pouco a pouco, a dúvida instala-se. Porque se tudo é possível, é que nada é verdadeiro. E se nada é seguro, só o erro é certo” (KOYRÉ, 1991, p.19).

Dentre os objetivos da ciência não encontramos respostas para os problemas de orientação do homem. "Determinar o caráter objetivo, não significa por a mão num Absoluto, é provar que se aplica corretamente um método" (BACHELARD, 1977, p. 34). Outra característica importante, na nova era do pensamento científico, é o caráter de constante deformação de conceitos pela ciência, ideia esta ilustrada por Bachelard: “ O ato de conhecer dá-se contra um conhecimento anterior, destruindo conhecimentos mal estabelecidos, superando o que, no próprio espírito, é obstáculo a espiritualização” (1996, p.17). Segundo o

autor, os conceitos científicos são sempre produzidos, e nunca dados: “ é justamente este sentido do problema que caracteriza o verdadeiro espírito científico. Para o espírito científico, todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído” (BACHELARD, 1996, p. 18).

A ciência, desde o seu advento com Galileu, está preocupada com a objetividade, com a matematização dos seus objetos. Em *A Formação do Espírito Científico* (1996), Bachelard elabora suas considerações sobre as características dessa ciência: “ tornar geométrica a representação, isto é, delinear os fenômenos e ordenar em série os acontecimentos decisivos de uma experiência, eis a tarefa primordial em que se firma o espírito científico.” (p.7). A ciência passa a se interessar pelos problemas relativos à formação e deformação do saber. Podemos também afirmar, a partir de Bachelard, que o Espírito Científico não será compatível a uma verdade última sobre as coisas, mas sim aberta as possibilidade infinitas de produção de novos problemas. Isso significa afirmar que essa epistemologia postula a existência de uma ruptura entre o saber que a ciência produz e os problemas da verdade, os quais segundo as palavras de Kant, podem ser considerados da ordem de uma “ razão prática” , isto é, do domínio das ações, da ética e da orientação.

Se a ciência deixa de lado a questões éticas, é desse argumento epistemológico que partimos para considerar que a psicanálise e a religião possuem algo em comum, a saber, o problema da verdade que é foracluído do campo científico. A ciência só se ocupa do saber objetivável, passível de comprovação e repetição, foracluindo a dimensão da verdade de sua abrangência. A psicanálise participa dessa querela epistemológica, pois ocupa-se de dar voz ao sujeito para que aí se produza um saber sem pretensões de universalidade e objetividade

A psicanálise opera com o saber do sujeito, a ética da psicanálise não é uma especulação sobre a polêmica divisão entre o Bem e o Mal. Quando Lacan (1965/1998) afirma que o advento da ciência moderna provocou a disjunção entre o saber e a verdade e que, diante dessa nova configuração epistemológica, a psicanálise irá operar sobre o sujeito da ciência, a conclusão que se antecipa é a seguinte: sendo a psicanálise uma clínica pautada pela ética, isto é, pela atenção ao problema que coloca o sujeito, e não uma clínica de cunho cientificista que busca uma objetivação ali onde este procedimento não é epistemologicamente compatível com a modernidade (objetivar a verdade e o sujeito), cabe a ela se haver com aquilo que fica fora deste discurso, a saber, o campo onde a validade e legitimidade de escolha e decisão recaem sobre temas como a sexualidade, a vida, a morte e o pai, etc.

É em função disso que Lacan irá afirmar que a ética da psicanálise não se trata da ética em geral dos filósofos, uma vez que na clínica psicanalítica não está em jogo uma ideia geral sobre a saúde e bem-estar de todos que levaria a um modelo de tratamento standard e científico; pelo contrário a psicanálise afirma que só há ética possível quando há um posicionamento subjetivo. Longe de se ater a dimensão consensual da ética, a psicanálise propõe haver somente uma ética subjetiva.

É por essa reflexão que podemos entender porque a psicanálise poderia chegar a ser, contemporaneamente, um sintoma sanado, com os avanços da ciência e com a força da religião. Tal destino depende, em grande medida, dos próprios psicanalistas, verdadeiros responsáveis do uso que fazem de seu “poder” no tratamento e, muito particularmente, do manejo da transferência, fio que sustenta a relação paciente-analista.

5 – Conclusão

A religião é um discurso que ancora o sujeito no Nome-do-Pai, mesmo que não o pretenda. Todas as religiões fundamentam-se em um Pai em cujo nome os devotos unificam as boas práticas e se orientam sob um mesmo modelo homogeneizante. É o modelo do Discurso do Mestre, no qual a imposição de saber é vertical, fugindo da elaboração sintomática para atribuição de sentido/verdade às questões do sujeito. Para a religião, não há interesse algum sobre o sintoma, esse significante particular, e sim de fazer o sujeito submeter-se a palavra divina como sendo a fonte da verdade e da salvação. Por outro lado, vimos com Lacan que a psicanálise irá operar com a verdade do sujeito (sintoma), fazendo da inconsistência da palavra do Outro a única possibilidade de travessia de nosso fantasma.

Por fim, religião e psicanálise operam com a palavra, com “esse resíduo do real formalizado pela ciência” (MOREIRA, 2014, p.27). Porém, diferenciam-se quanto ao uso que fazem da palavra. A psicanálise irá se confrontar com o real, a religião irá oferecer a consolação. Julien traz que Deus se encarna numa determinada história, a saber a história datada do avanço científico, perdendo sua onipotência e se submetendo à condição da humanidade. O autor traz ainda que “Deus é da ordem da palavra a ser escutada, palavra que transcende qualquer imagem. O cosmos já não revela o divino; ao contrário dos Baals, o visível (a água, o mar) não mostra o invisível” . (p.19).

Assim, a religião oferece medidas paliativas que supostamente colocariam o sujeito imune à confrontação do Real, enquanto a psicanálise visa não adiar ainda mais esse confronto. Além disso, percebemos o avanço da ciência e suas tentativas de curar o homem dos males do mundo. Para que a psicanálise não perca sua força e não perca lugar no cenário

de triunfo da ciência e religião, ela deverá continuar em um lugar bem separado da religião e não tomar o mesmo caminho que procura ditar o que seria o bem comum, recompensando, assim, cinicamente todas as nossas perdas-

6 – Referências Bibliográficas

BACHELARD, G. (1996). *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto.

BACHELARD, G. (1977). *O racionalismo aplicado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

FREUD, S. (1907). *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*. In: Gradiva de Jensen e outros trabalhos (1906-1908). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago

FREUD, S. (1974). *O ego e o Id*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1974d). *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1997). *O mal-estar na civilização*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. (Vol. XXI.) Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1974). *Psicologia de grupo e análise do ego*. (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago.

JULIEN, P. (1926). *A Psicanálise e o Religioso: Freud, Jung e Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

KOYRÉ, A. (1991). Galileu e Platão. In A. Koyré (Org.). *Estudos de história do pensamento científico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

1. LACAN, J. (1998) *A ciência e a verdade*. In J. Lacan (Org.). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1965).

LACAN, J. (1988). *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1959-60).

LACAN, J. (2005). *O triunfo da religião*, precedido de, Discurso aos católicos (A. Telles, trad). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

MOREIRA, C. *O triunfo de uma ilusão*. Saraiva. *Cult*, vol. 17, n. 190, p. 24-27, maio de 2014.